

Ensino Extracurricular em Oftalmologia - Grupos de Estudos / Ligas de Alunos de Graduação

Extracurricular Teaching in Ophthalmology - Undergraduate Study Groups

Andrea Cotait Kara José¹
Lúcia Battistella Passos²
Flávio Cotait Kara José¹
Newton Kara José³

PALAVRAS-CHAVE:

- Educação Médica;
- Estudantes de Medicina;
- Oftalmologia;
- Grupos de Estudo;
- Medicina Comunitária.

KEY-WORDS:

- Education, Medical;
- Students, Medical;
- Ophthalmology;
- Association Learning;
- Community Medicine.

Recebido em: 16/08/2005

Reencaminhado em: 23/10/2006

Aprovado em: 13/04/2007

RESUMO

O objetivo deste estudo é identificar a existência e avaliar o funcionamento de associações de docentes e alunos de graduação (núcleos, ligas, grupos de estudo e ações) dedicadas à complementação extracurricular do ensino de Oftalmologia e à prestação de serviços comunitários. Realizou-se estudo transversal descritivo e compôs-se amostra de conveniência formada por estudantes de graduação de Medicina e residentes em Oftalmologia das 107 faculdades de Medicina do Brasil. Os dados foram coletados por entrevista, mediante aplicação de questionário, em fevereiro e março de 2002. Encontraram-se 12 ligas de Oftalmologia. O critério de seleção para ingresso inclui, na maior parte, presença em curso introdutório e/ou realização de prova. O número de membros varia de 9 a 30. Metade das ligas aceita alunos a partir do terceiro ano de graduação. Todas as associações apresentam participação de docentes, e 75%, de residentes. As atividades mais comuns incluem participação em aulas teóricas e em projetos comunitários, atendimento em ambulatório e/ou pronto-socorro e realização de pesquisa científica. A maioria das ligas de Oftalmologia preenche os requisitos para suplementar o ensino de Oftalmologia na graduação médica, porém o número de ligas ainda é pequeno.

ABSTRACT

This study aims at identifying the existence and at evaluating the functioning of undergraduate and faculty associations/study groups dedicated to continued education and community services in Ophthalmology. A cross-section descriptive survey based on a convenience sample was conducted by means of a questionnaire answered by residents and students from 107 Brazilian medical schools during the months February and March 2002. Twelve (11.21%) study groups in Ophthalmology were identified among these medical schools. Eleven (91.67%) of these 12 associations are controlled by their own by-laws. The admission criteria normally require having followed an introductory course and / or admission exam. The number of students in the study groups varies between 9 and 30. Half of the groups admit students from the third year on. All study groups count on the participation of faculty members and 75% of them admit residents. The most common activities of the groups include attendance to regular classes and participation in community projects and scientific research. Though most of the study groups fulfill the requirements for providing primary undergraduate Ophthalmologic education, the number of study groups is still not significant.

¹ Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil.

² Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

³ Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

INTRODUÇÃO

Os casos de Oftalmologia representam cerca de 9% do atendimento e 5% das urgências médicas^{1,2}. Uma parcela significativa das doenças sistêmicas vem acompanhada de algum comprometimento ocular, e muitos problemas oftalmológicos exigem pronto atendimento e encaminhamento ao oftalmologista. Assim, é necessário que todo médico tenha conhecimentos básicos de saúde ocular que o capacitem a conduzir estes casos^{3,4}.

Conhecimentos básicos de Oftalmologia são necessários para o dia-a-dia de diversas especialidades médicas devido ao freqüente envolvimento ocular em doenças sistêmicas e à possibilidade de diagnóstico precoce em muitas doenças oculares⁵.

A carência de conhecimentos sobre Oftalmologia por parte de médicos não especialistas tem se manifestado tanto em situações de urgência (como na conduta frente a trauma ocular perfurante e na remoção de corpo estranho da córnea), quanto em situações menos urgentes (como na conduta nos casos de estrabismo e na prescrição de colírios)⁶.

Ginguerre demonstrou carência de conhecimento básico necessário em Oftalmologia entre alunos de Medicina do sexto ano⁷. Manica, por sua vez, realizou estudo envolvendo 140 pediatras de Porto Alegre e verificou que estes apresentam conhecimentos básicos em Oftalmologia insuficientes para diagnosticar e tratar patologias oculares prevalentes na infância, bem como orientar os pais ou familiares dessas crianças⁸.

O ensino de Oftalmologia foi introduzido, inicialmente, em caráter opcional, no currículo médico brasileiro em 1885. Em 1978, Melo enfatizou a importância do curso de Oftalmologia na preparação dos futuros médicos na prevenção da cegueira. Porém, o primeiro encontro específico para analisar o ensino dessa especialidade no curso de graduação ocorreu apenas em 1981, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)^{3,9}.

Um sistema alternativo para complementar o ensino de Oftalmologia do curso de graduação em Medicina começou a funcionar, a partir de 1977, na Unicamp (Núcleo de Prevenção da Cegueira). Esse sistema passou a denominar-se genericamente liga ou núcleo de Oftalmologia. Foi estabelecido um

projeto continuado de estudos e ações oftalmológicas comunitárias e hospitalares, como participação ativa em congressos brasileiros de prevenção de cegueira e realização de campanhas de saúde pública (como de combate à ambliopia), visando preparar e conscientizar os estudantes sobre a preservação da visão e prevenção da cegueira. Os integrantes são docentes e residentes da disciplina de Oftalmologia, alunos do curso de graduação em Medicina e profissionais de áreas afins. Esta associação vem desenvolvendo ações no campo da formação de recursos humanos, proporcionando, inclusive, educação continuada, além de participar de importantes campanhas de prevenção da cegueira⁹.

O objetivo geral da liga de prevenção da cegueira é propiciar melhora da saúde ocular da população, realizando projetos comunitários e treinando acadêmicos de Medicina no estudo de problemas oculares e conduta de casos da especialidade, além de realizar palestras, fornecer treinamento específico a agentes de saúde pública, propiciar educação à população e maior integração entre comunidade e universidade⁴.

O presente trabalho pesquisou a existência e estruturação de ligas (ou núcleos, associações, grupos de estudos e ações) de Oftalmologia no Brasil, com a finalidade de contribuir para a formação de novas organizações e propiciar subsídios para modificações nas existentes.

METODOLOGIA

Realizou-se estudo transversal descritivo. Compôs-se uma amostra de conveniência formada por estudantes de graduação de Medicina e residentes em Oftalmologia das 107 faculdades de Medicina existentes no Brasil (Quadro 1). Os dados foram coletados por entrevista, mediante aplicação de questionário (Anexo), nos meses de fevereiro e março de 2002, durante os cursos introdutórios à residência de Oftalmologia na cidade de São Paulo. Para as faculdades que não possuíam representantes presentes nesses cursos introdutórios, foi feita abordagem aos respectivos centros acadêmicos por telefone ou *e-mail*. Nos casos das faculdades em que havia ligas de Oftalmologia operantes, foram realizadas entrevistas com os presidentes dessas ligas e obtidos os estatutos existentes para avaliação.

QUADRO 1
Características das Ligas de Oftalmologia – Brasil, 2002

Faculdade*	Data da fundação	Número de alunos	Crêterios de seleçãõ	Restriçãõ	Estatuto	Diretoria renovável anualmente	Aceita alunos de outras faculdades	Participaçãõ de médicos assistentes	Participaçãõ de residentes
1	1977	24	curso e prova	terceiro ano	sim	sim	sim	sim	sim
2	1985	9	curso e prova	segundo ano	sim	sim	nãõ	sim	sim
3	1995	20	curso e prova	quarto ano	sim	sim	sim***	sim	sim
4	1996	30	curso e prova	sem restriçãõ	sim	sim	nãõ	sim	sim
5	1996	15	curso e prova	terceiro ano	sim	sim	nãõ	sim	sim
6	1998	20-30	curso ou livre**	Sem restriçãõ	sim	sim	nãõ	sim	sim
7	1998	16	curso e prova	terceiro ano	sim	sim	sim	sim	nãõ
8	2000	5 a 10	prova	quarto ano	sim	nãõ	nãõ	sim	nãõ
9	1999	12	curso e prova	sem restriçãõ	nãõ	sim	nãõ	sim	sim
10	2000	12	curso e prova	segundo ano	sim	sim	sim	sim	sim
11	2000	5	curso e prova ou livre (**)	quarto ano	sim	nãõ	nãõ	sim	sim
12	2001	20	prova	sem restriçãõ	sim	sim	nãõ	sim	nãõ

(*)1 – Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Campinas

2 – Faculdade de Medicina de Santo Amaro

3 – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

4 – Faculdade de Medicina da Fundação do ABC

5 – Faculdade de Ciências Médicas de Santos

6 – Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina

7 – Faculdade de Medicina de Jundiá

8 – Faculdade de Medicina de Vassouras – Fundação Educacional Severino Sombra

9 – Faculdade de Medicina de Mogi das Cruzes

10 – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

11 – Faculdade de Medicina de Marília – Fundação Municipal de Ensino Superior de Marília

12 – Faculdade de Medicina Dr. Domingos Leonardo Cerávolo.

Universidade Estadual do Oeste Paulista – Presidente Prudente

** Varia de ano a ano.

*** Cota fixa de 16 alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e 4 de outras escolas. As Faculdades de Medicina da Universidade Federal de Goiás e da Universidade de Alfenas iniciaram suas ligas de Oftalmologia em 2002 e, por isso, não foram incluídas nesta relação.

RESULTADOS

As informações obtidas em 107 faculdades de Medicina existentes no Brasil mostraram que 12 (11,21%) possuíam ligas de Oftalmologia. Os resultados obtidos estão apresentados sob forma de quadros e figuras.

A fundação de ligas de Oftalmologia no Brasil começou em 1977, na Unicamp, seguida da liga da Faculdade de Medicina de Santo Amaro, em 1985, e 10 novas ligas a partir de 1995, sendo que 11 (91,67%) estão localizadas no estado de São Paulo (Quadro 1).

O número de membros das ligas varia de 9 a 30, e em 10 (83,33%) ligas é obrigatória a participação em curso introdutório e/ou a realização de prova para ingresso nas mesmas. Cinco (41,67%) ligas aceitam alunos de outras faculdades (Quadro 1).

Há variação quanto ao ano do curso de graduação em que os alunos são aceitos como membros da liga, sendo que 50% das ligas os admitem a partir do terceiro ano (Quadro 1).

Onze ligas (91,67%) possuem estatuto (Quadro 1). Todas as ligas apresentam a participação de docentes, e 9 (75,00%) de residentes (Quadro 1).

DISCUSSÃO

As ligas ou núcleos de Oftalmologia são associações de acadêmicos de Medicina, docentes e residentes de Oftalmologia com o objetivo de suplementar o conhecimento básico de Oftalmologia dos futuros médicos. Como a maioria das escolas ainda não as possui, deve-se estimular não só o aumento da capacidade das existentes como sua abertura para acadêmicos de outras faculdades. Principalmente os serviços de residência médica ligados às faculdades de Medicina devem criar suas próprias ligas, como ocorreu em 2002 na Universidade Federal de Goiás (Quadro 1).

As ligas de Oftalmologia estimulam os alunos a participar de atividades que melhoram sua formação nessa especialidade e podem ser um importante instrumento de ensino de Oftalmologia. Estudos realizados nos Estados Unidos e no Reino Unido enfatizam a inadequação e insuficiência do ensino de Oftalmologia na graduação médica e sugerem que o ensino deveria ser direcionado para o atendimento médico

primário e complementado por treinamento adicional e cursos de atualização^{10,11}.

A variação observada em relação ao ano de graduação em que o aluno pode integrar a liga evidencia que, apesar de o aluno se encontrar mais apto a desenvolver habilidades em Oftalmologia após cursar essa disciplina, ele pode, em qualquer ano da graduação, obter conhecimentos teóricos/práticos frequentando as ligas (Quadro 1). Na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, além do currículo nuclear necessário à formação geral do médico, há um segmento complementar de disciplinas optativas, o que inclui a Oftalmologia, na qual o aluno pode complementar seu conhecimento na área entre o primeiro e o oitavo semestres do curso de graduação¹².

Atualmente, das 12 ligas existentes, 5 (41,67%) aceitam alunos de outras instituições de Medicina. A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo tem uma cota fixa de 16 alunos da própria faculdade para quatro de outras escolas (Quadro 1).

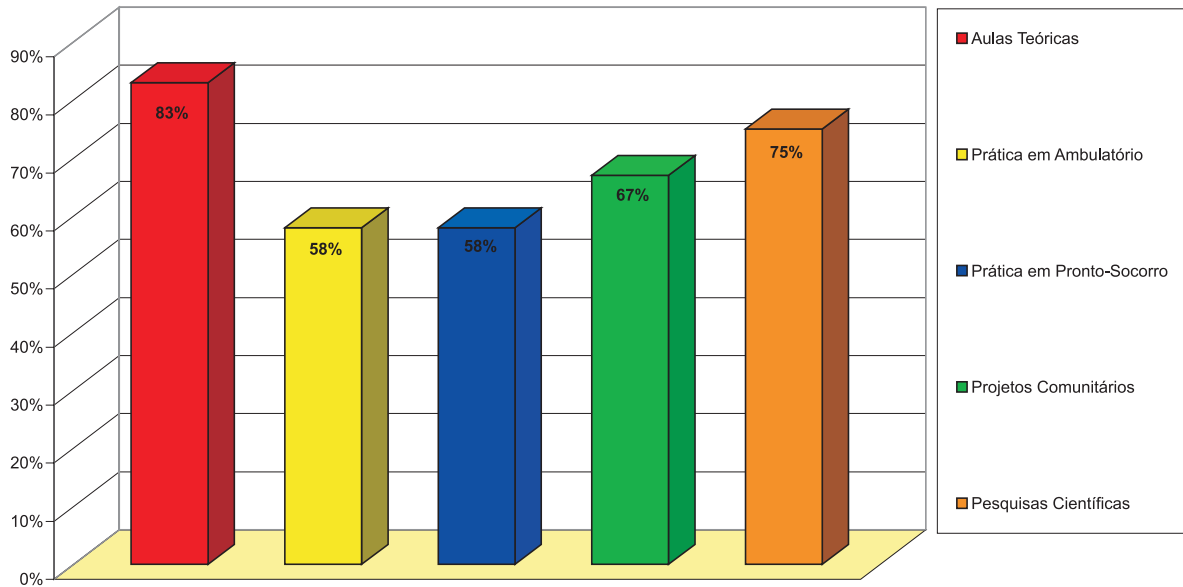
A utilização de critério de seleção, na maioria das ligas, mostra o cuidado com o preparo prévio dos alunos e a existência de procura superior à capacidade de absorção (Quadro 1).

A presença de estatuto na quase totalidade das ligas facilita sua atuação (Quadro 1). Institui atividade e objetivos determinados e permite, ainda, a avaliação dos resultados obtidos e o estudo de novas alternativas de ensino. O aluno conhece previamente suas obrigações e a formação que o estágio objetiva proporcionar.

Acredita-se que a diretoria da liga deveria ter mandato de um ano, sem direito a reeleição para o mesmo cargo, evitando-se, assim, uma dedicação excessiva dos alunos nessa atividade extracurricular.

As propostas de atividades das ligas variam bastante, o que deve ocorrer em parte por condições locais e em parte por estarem ainda em fase de estruturação (Figura 1). Para obter eficácia, as ligas devem incluir atividades de ambulatório, pronto-socorro, projetos comunitários, além de programa de aulas teóricas e oportunidade para iniciação científica dos alunos da graduação (Figura 1). Seria desejável que toda disciplina de Oftalmologia oferecesse aos alunos a oportunidade para complementar sua formação.

FIGURA 1
Atividades promovidas por ligas de Oftalmologia Brasil, 2002 (n = 12)



Verificou-se que 5 (41,67%) das ligas não proporcionam atendimento de pronto-socorro e ambulatório, atividades importantes e geralmente oportunidades únicas para os alunos de graduação obterem vivência mais direta no atendimento de casos oftalmológicos (Figura 1). Uma alternativa seria a realização de algum tipo de convênio com outras instituições que pudessem prover tais atividades.

As atividades práticas devem ser realizadas em grupos de um a dois alunos sob supervisão. Geralmente, nos cursos regulares de Oftalmologia, o grande número de alunos por turma e a ocorrência de outras atividades concomitantes levam as aulas práticas a serem realizadas por instrutor, com dez ou mais alunos. Marcondes, em estudo sobre o ensino médico, sugere que grupos pequenos facilitam o exame dos

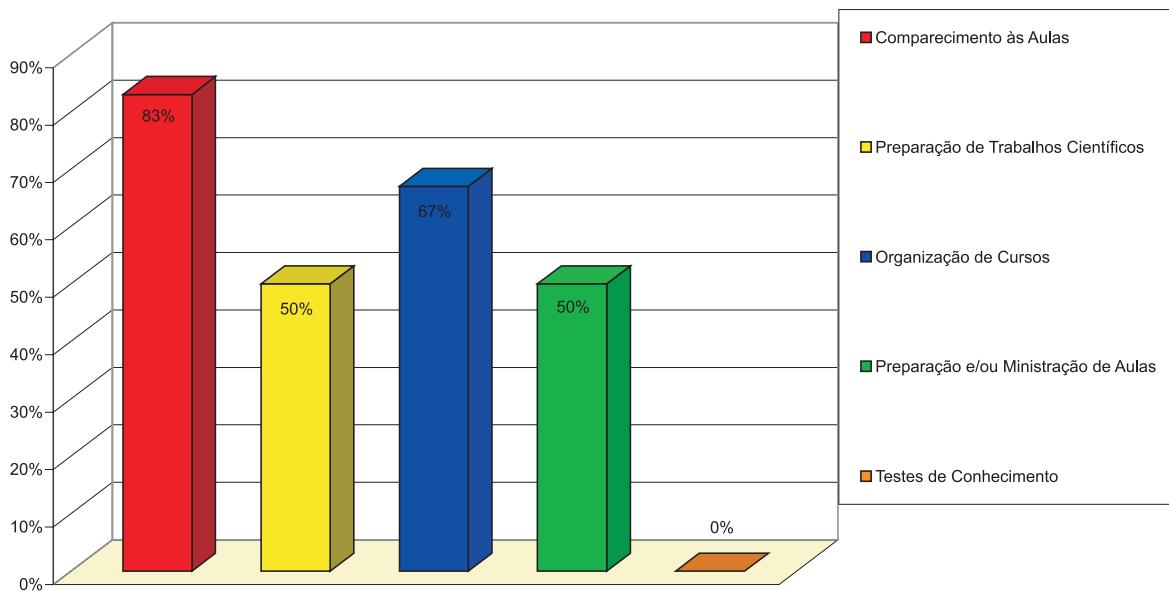
pacientes pelos alunos e favorecem a interação professor-aluno¹³.

A participação efetiva de médicos assistentes e residentes, além de propiciar melhor orientação e treinamento aos alunos, contribui para maior conscientização dos próprios membros da clínica sobre a importância do ensino de Oftalmologia aos futuros médicos (Quadro 1).

Assim, é desejável que as ligas tenham aulas teóricas ministradas por docentes, residentes e alunos (sob supervisão) e sejam avaliadas anualmente quanto a seu funcionamento e aceitação.

É recomendável a elaboração de material teórico específico para consulta, a fim de orientar os estudos. Apesar disso, 2 (16,67%) das ligas não têm programa de aulas teóricas com frequência obrigatória (Figura 2).

FIGURA 2
Atribuições dos integrantes das ligas de Oftalmologia Brasil, 2002 (n = 12)



É necessário haver continuidade e periodicidade previamente estabelecidas no funcionamento das ligas, de forma a fornecer atividade semanal teórico-prática. Uma carga horária razoável seria de cerca de 70 horas por ano, que complementaria as 45 horas do currículo de Oftalmologia. Marcondes verificou que 53% dos 92 alunos do quarto ano médico da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, entrevistados em 2000, classificaram como regular a carga horária da disciplina de Oftalmologia, e 30% a consideraram insuficiente¹³.

As ligas estudadas não aplicam testes finais de avaliação dos conhecimentos e habilidades adquiridos, nem colhem a opinião dos alunos sobre o programa (Figura 2). A ausência desses instrumentos pode prejudicar a avaliação continuada dos resultados finais alcançados pelos participantes das ligas.

As ligas de Oftalmologia apresentam programação baseada em aulas teóricas, projetos comunitários, realização de pesquisa científica, atividade em ambulatório e em pronto-socorro. A maioria das ligas consegue preencher várias dessas atividades. Apesar de a primeira liga de oftalmologia no Brasil ter sido criada em 1977 e do aumento dessas instituições nos últimos anos, seria aconselhável que todas as faculdades de Medicina criassem associações desse tipo.

SUGESTÕES

Estimular a criação de novas ligas e o aumento da capacidade das existentes.

Estimular maior entrosamento entre as ligas existentes, para troca de experiências, visando maior eficiência.

Estimular as disciplinas de Oftalmologia a organizar cursos específicos de divulgação de conhecimentos básicos quanto aos cuidados com os olhos para médicos de outras áreas e comunidade leiga, além de envolver os alunos de graduação nas campanhas comunitárias.

REFERÊNCIAS

1. Boudet C. Preface. In: Boudet C, Arnaud B, Caumon C, Pithon F, Maisongrosse C, colabs. Plaies et contusions du segment antérieur de l’oeil. Paris: Masson; 1979.
2. Edwards RS. Ophthalmic emergencies in a district general hospital casualty department. Br J Ophthalmol. 1987; 71(12): 938-42.
3. Melo C. Objetivos mínimos de um curso de oftalmologia em nível de graduação. Rev Bras Oftalmol. 1978; 37: 213-8.
4. Kara-José N, Rodrigues MLV, Gahnem CC, Carvalho KMM, Medina N. Plano nacional de prevenção da cegueira. In: Conselho Brasileiro de Oftalmologia. Anais do VII Congresso Brasileiro de Prevenção da Cegueira; 2-4 out 1986; Porto Alegre, RS. Porto Alegre: Globo; 1986.
5. Kara-José N. O papel do pediatra na Oftalmologia Preventiva. Clin Pediat. 1980; 5: 5-6.
6. Kara-José N, Rangel FF, Barbosa NLM. Perfurações do globo ocular e ferimentos da face: necessidade de diagnóstico precoce. Arq Bras Oftalmol. 1982; 45(2): 66-9.

7. Ginguerra MA, Ungaro ABS, Villela FF, Kara-José AC, Kara-José N. Aspectos do ensino de graduação em oftalmologia. *Arq Bras Oftalmol.* 1998; 61(5): 546-50.
8. Manica MB, Corrêa ZMS, Marcon IM, Telichevesky N, Loch LF. O que os pediatras conhecem sobre afecções oculares na criança?. *Arq Bras Oftalmol.* 2003; 66(4): 489-92.
9. Kara-José N, Pereira VL, Melo HFR, Urvaneja AO, Brasil Júnior W. Criação de um núcleo de prevenção da cegueira. *Arq Bras Oftalmol.* 1987; 50(4): 145-7.
10. Stern GA. Teaching ophthalmology to primary care physicians. *Arch Ophthalmol.* 1995; 113(6): 722-4.
11. Shuttleworth GN, Marsh GW. How effective is undergraduate and postgraduate teaching in ophthalmology?. *Eye.* 1997; 11(5): 744-50.
12. Universidade de São Paulo. Mudança curricular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo; 1997. [mimeo].
13. Marcondes AM, Costa MN, Macchiaverni Filho N, Temporini ER. Avaliação discente de um curso de oftalmologia. *Rev Bras Educ Med.* 2002; 26(3): 171-4.

Conflito de Interesse

Declarou não haver.

Endereço para correspondência

Andrea Cotait Kara José
 Rua Madre Teodora, 281
 01428-010 – São Paulo – SP
 E-mail: andreacotait@uol.com.br

ANEXO – QUESTIONÁRIO

- 1) Qual a faculdade que cursou ou que está cursando?
- 2) Sua faculdade possui liga ou núcleo de prevenção da cegueira ou similar (atividades de Oftalmologia programadas para alunos de graduação fora do currículo escolar da faculdade)?
 sim não
 Se a resposta for sim, passar para as outras questões.
- 3) Data da fundação da liga?
- 4) Número de integrantes que ingressam por ano?
- 5) Critérios de seleção para o ingresso dos alunos?
- 6) Há restrição quanto ao ano do aluno? Se houver, qual o ano escolar dos integrantes?
- 7) Atividades realizadas:

<input type="checkbox"/> Aulas teóricas. Quem as ministra?	<input type="checkbox"/> Projetos comunitários
<input type="checkbox"/> Prática de ambulatórios	<input type="checkbox"/> Iniciação à pesquisa científica
<input type="checkbox"/> Prática de emergência (pronto-socorro)	<input type="checkbox"/> Outros (descrever)
- 8) Obrigações dos alunos:

<input type="checkbox"/> Assistir às aulas	<input type="checkbox"/> Preparar e/ou ministrar aulas e/ou seminários
<input type="checkbox"/> Preparar trabalhos científicos	<input type="checkbox"/> Submeter-se a prova
<input type="checkbox"/> Organizar curso	<input type="checkbox"/> Outros (descrever)
- 9) Tem participação de professores e/ou residentes?
- 10) Possui estatuto?
- 11) Tem diretoria renovável a cada ano?
- 12) Aceita alunos de outras faculdades?